

COMMERCIO DO MINHO

5.º ANNO 1877

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 592

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$000 rs e sendo duas 3\$600 rs.—Semestre 1\$050 rs.—Brazil, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20% d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 16 DE JANEIRO

A' «Palavra»

Depois de tres dias de eclipse total, a «Palavra» tornou-se-nos finalmente visível no seu n.º correspondente a segunda-feira, que ainda assim recebemos depois de impresso o n.º antecedente do «Commercio do Minho».

E' porisso que só hoje nos dirigimos á folha portuense, que persiste na teimosia de exigir de nós a reprodução dos seus artigos, na questão travada entre ella e o nosso collega do «Direito». As dimensões do nosso jornal, e a circumstancia de não ser diaria a sua publicação, impossibilitam-nos em certo modo de satisfazer plenamente ao collega da «Palavra», como desejavamos; porisso promettemos satisfazê-lo quando podermos.

Hoje vamos limitar-nos a fazer á «Palavra» algumas observações destacadas, que nos desperta a leitura dos seus ultimos escriptos respeitantes á questão referida.

Em o n.º 1332, o collega depois de transcrever os periodos que ha dias lhe dirigimos, ajunta:

«Se queria evitar pela sua parte uma questão totalmente esteril, com a qual nada teriamos a ganhar, nem d'um, nem d'outro lado, não se viera metter n'ella, que ninguém cá o chamou. Agora tenha paciencia, vá transcrevendo e fazendo os commentarios que bem lhe parecer; no campo contradictório se apura a verdade; e nós temos sede de verdade e de justiça, que tão arrastada anda por este mundo.»

«Demais, desejamos saber como se propaga o ensino religioso com a palavra e com o exemplo, pois que é este o nosso unico fim. Já vê que a questão não é tão inutil como se lhe figura.»

Pondo de parte o modo risivelmente desdenhoso com que se sae o diario por-

tuense, continuámos a dizer e a sustentar que é totalmente esteril a questão, para que nos provoca. Tambem, como o collega, nós temos sede de verdade; mas sede que não procura a saciedade nas agoas turvas das questiunculadas palavras, palavras, e nada mais. A sede de verdade que nós temos, não se apaga com fazer estilo, e com os soccorros da dialectica pueril, que abandonamos nos bancos escholares.

Em quanto aos commentarios, pôde o collega estar certo de que não sabemos faltar ao prometido.

Deseja o collega saber como se propaga o ensino religioso com a palavra e com o exemplo, e diz que é este o seu unico fim. Não comprehendemos bem o alcance d'estes desejos, nem sabemos se nos termos do collega está, ou não, envolvida alguma allusão.

Todo o mundo conhece que o ensino religioso se propaga com a palavra e com o exemplo; porém as questões de *lano caprina*, as deturpações dos factos, as falsificações e os sofismas, nunca foram e jámais serão aproveitados como auxiliar do ensino religioso.

E' isto o que nos dicta a consciencia e a razão.

Diz mais a «Palavra»:

«Este ao menos tem a franqueza de confessar que entrou na questão por motivos politicos.»

«Antes assim, se tivessem logo collocado a questão n'esse campo, nós de certo lh'a não levantaríamos.»

Parece-nos a nós que não exorbitamos do nosso direito, nem cumprimos senão um dever, defendendo um correligionario politico e benemerito collega religioso, cujas crenças politicas foram remoqueadas, e cujos serviços indiscutíveis por elle prestados á religião foram estranhamente menospresados.

Nós, e comnosco a «Nação» e o «Direito», somos jornaes miguelistas, e o mais que a «Palavra» quizer; é certo po-

rém que tal circumstancia não impede que tenhamos sempre defendido e apóstolado os principios catholicos. Se o collega poder provar-nos o contrario, muito nos maravilhará e confundirá,—o que lhe agradeceremos.

Frisa aqui perfeitamente a transcrição dos dois periodos seguintes, que aproveitamos da «Palavra», n.º 1333:

«O Demonio da politica tudo tem desunido, tudo transtornado!»

«E nem vemos meio de que isto termine tão depressa, visto que os proprios jornaes que se dizem religiosos, são os primeiros a unir, a pôr d'acordo n'um conubio impio e blasfemo, a religião com a politica, como se, da maneira que ali a vemos considerar, fossem duas entidades ou elementos homogeneos, duas virtudes que se protegessem e fortalecessem uma á outra, ousando asseverar que a religião carece do auxilio e da protecção da politica: Para que?»

Não sabemos se foi intenção do articulista assetiar com estas palavras todos os jornaes legitimistas, dos quaes é ultimo o «Commercio do Minho».

Na hypothese, pois, de que o projectil fosse impellido tambem para nós, exigimos da «Palavra» que nos diga quando e como nos servimos da religião para fins politicos;—que nem outra é a accusação que resae dos periodos transcriptos. Ha nos mesmos uma allusão a um assérto do «Direito», mas feita com palpavel má-fé, que não depõe muito a favor da siseudez do articulista. Já o «Direito» lhe fez a observação respectiva, mas o articulista insiste na adulteração; e elle que assim procede, é que lá sabe porque.

Lêmos ainda no referido n.º:

«Recebemos uma carta muito lisongeira para o nosso jornal, cuja publicação nos pedem, mas a que não podemos acceder, porque já declaramos que collocados apenas no campo da defeza, não queremos exceder os limites d'ella. Não nos será muito difficil sustentar a dignidade

do jornal; a esta questão, que não provocamos, ser-lhe-á util, porque ficará definido de uma vez se é jornal puramente religioso, ou se tem politica encapotada.

«O nosso estimavel correspondente irá vendo o seguimento da questão; creia que a intervenção da «Nação» e do «Commercio do Minho» não nos intimida.»

Damos-lhe os parabens, sentindo muito que a tal carta não apparece com a competente assignatura, afim de sabermos se ella pertence, como é de crer que pertença, a um 1.º, ou a um 2.º catholico puro de Portugal.

A nossa intervenção, collega, não causa medo a ninguém; conhecemos a nossa humildade, e com ella nos contentamos; é ao seu reducto que iremos dissipar o susto, quando qualquer Atlante ameace esmagar-nos com as esferas.

Emquanto á «Nação» podêmos asseverar á «Palavra» que aquelle jornal fará pelo «Direito» aquillo que nós fizemos, e faremos, isto é defendel-o-ha sempre que elle for atacado por qualquer jornal, ainda mesmo quando este não tenha politica. Agora vamos fazer mais uma transcrição do n.º 1332 da «Palavra».

Leiam:

«Agora temos uma fineza das suas, applicando ao Saldanha, aos seus amigos e collegas a pequena dissertação que ha dias fizemos sobre as miserias humanas, que não podia nem devia ser tomada como allusão, visto que fallámos em geral.

«Felizmente que não somos amigo nem collega do Saldanha e por tanto deixamos passar a allusão para que vá a quem compete.»

«Segue depois: «NÃO pomos os principios catholicos acima dos politicos, não confundimos a religião com a politica.» Isso é realmente muito louvavel, mas... os factos fallam mais alto do que as palavras. Porque se o «Direito» tomou como insulto e provocação o elogio feito a um inimigo, prova que foi induzido n'es-

39

FOLHETIM

DR. J. H. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME I

XIX

Um pae que chora.

[Continuação]

—Oh meu Deus!... meu Deus!... exclamou chorando ainda com mais força o infeliz velho.

Candido tinha estado muito tempo em pé diante de Anacleto, não querendo emfim perturbar aquella dôr immensa, em que o via engolfado; ia retirar-se, quando ao ruido de suas pisadas na terra, o velho ergueu a cabeça.

—Quem é?... perguntou enchugando apressadamente as lagrimas.

—Sou eu, sur. Anacleto, respondeu Candido: minha curiosidade trouxe-me n'este momento ao jardim; retirava-me porém já para não incommodal-o.

—Incomodar-me?... então eu... O mancebo ficou em silencio.

—Chorava?... exclamou Anacleto soluçando de novo.

—E' verdade.

Estiveram ambos por algum tempo sem dizer palavra: o velho chorando, e Candido tristemente observando-o.

—Sim, disse finalmente aquelle: tenho chorado... muito: minha cabeça arde... uma dôr despedaçadora parece querer rebentar as fracas paredes d'este velho craneo... o que eu soffro é isso... é uma dôr... eu estou doente.

—Oh! então porque não se apressa a medicar-se?... eu vou chamar a senhora sua filha... sobretudo este ar da noute, o sereno pôde fazer-lhe mal...

—Não... não quero... eu exijo, que não chame ninguém... nem mesmo minha filha: este ar da noute me faz bem... eu estou melhor, muito melhor: isto vai passar de todo. Basta que eu descance... vá dansar, preciso ficar só.

Candido ia retirar-se.

—Escute, tornou o velho; promette-me não dizer a pessoa alguma, que eu estava incomodado?... promette-me?... veja que eu o exijo.

—Pois bem, senhor, nada direi.

—Sobretudo, meu filho, não diga a pessoa alguma, que me viu chorando aqui.

Candido retirou-se.

O velho, sacudindo tristemente a cabeça, disse.

—Moço, se não comprehendestes a minha dôr, haveis de comprehendel-a um dia:—és filho; serás pae.—

XX

Uma mulher que mente.

Quando, de volta do jardim, Candido entrou na sala, Marianna e Henrique con-

versavam com fogo, e defronte d'elles Salustiano estava em pé e de braços cruzados, como quem espera por alguma cousa.

Candido não acreditára nas palavras de Anacleto; comprehendêra, que as lagrimas do velho exprimiam antes um grande soffrimento moral, do que uma dôr fisica; porisso mesmo respeitava o segredo d'aquelle padecer; mas observava curioso, o que se passava então no Ceocôr-de-rosa.

Estava-se ali tecendo uma d'essas intrigas de salão... era uma mina que se abria; qual deveria ser a victima?...

Moço e inexperiente, Candido nada pôde concluir de suas observações: a assembleia toda se mostrava, como desde o começo da noute, alegre e festiva; Marianna sorria-se meigamente para Henrique; Celma estava bella e contente, mesmo mais contente do que ordinariamente parecia.

No meio de tanto prazer, como achar a origem de uma grande tristeza?...

O velho Anacleto chegou pouco depois, e Candido ficou ainda admirado ao vê-lo presenteiro dirigir-se a todos, gracejando com as senhoras, e animando a sociedade já um pouco fatigada.

Na alma de Candido appareceu este pensamento: «Quem sabe, se alguns dos que se estão aqui rindo alegremente, não terão ido chorar, ás occultas, como o velho Anacleto?»

Pela primeira vez em sua vida elle sentiu, que nas sociedades, o rosto se mascara com sorrisos... com olhares... e com palavras.

Henrique e Marianna separaram-se: Sa-

lustiano ia dirigindo-se ao primeiro, tendo porém os olhos fitos na filha de Anacleto, que, mal podendo conter um movimento de terro, foi direita ao lugar onde estava Candido.

Salustiano voltou immediatamente á sua primeira posição.

Marianna fallou a Candido: sua voz parecia commovida.

—Quer fazer-me o obsequio de dar-me o braço?

—Oh! com summo prazer.

Um homem pobre agradece com tanto reconhecimêto qualquer pequenina prova de consideração!...

—Para onde quer que a acompanhe, minha senhora?... prefere passear nas salas, ou ir ao jardim?...

—Vamos ao jardim.

Candido observou, que o braço de Marianna tremia.

Quando chegaram ao jardim, a viuva e o mancebo entraram no caramanchão, e ella sentando-se no banco de relva disse:

—Sente-se ao pé de mim... conversemos.

Candido sentou-se curioso: Marianna hesitava.

Aquella mulher, de caracter tão forte, ia cumprir as ordens de um homem, que não era seu pae, nem seu marido, nem seu irmão: agora fraca e humilde, desempenhava o papel de escrava obedecendo ao aceno de seu senhor.

Estêve em silencio por algum tempo a devorar seu calix de amargura alli, n'aquelle banco de torturas, onde pouco antes seu pae havia tanto chorado por causa d'ella.

sa fraqueza pela cegueira politica, e não pelo sentimento religioso, porque este manda que amemos aos nossos inimigos e que façamos bem áquelles que nos fazem mal. esta é a doutrina evangelica, que é de preceito e não de conselho. Se o nosso contradictor é ecclesiastico não pôde ignorar isto».

Chamamos a attenção das pessoas imparciaes para o que segue.

No «Direito», n.º 3, de 9 do corrente, na col. 2.ª da pagina 2.ª lemos:

«NÓS pomos os principios catholicos acima dos politicos, não confundimos a religião com a politica. No entanto note-se o que Pio IX diz no Breve que, em 18 de setembro de 1876, dirigiu ao Bispo dos Tres-Rios, no Canadá etc.»

Na «Palavra», porém, lê-se em logar do pronome nós, o adverbio não!!!

Estavamos inclinados a acreditar que isto seria apenas um lapso typografico, embora muito grave; porisso suspendemos o nosso juizo, esperando ansiosamente o n.º seguinte, onde deveria apparecer a indispensabilissima rectificação.

Logo que nos veio á mão o desejado n.º 1333, lemol-o e relemol-o da primeira á ultima linha; mas qual rectificação, nem qual historia?!

E' certo que aquellas reticencias postostas á conjunção mas, já nos tinham causado mui desagradavel impressão. Não quisemos porém augmental-a, e esperamos... baldadamente, como se vê.

Com effeito, parece incrível que isto se dê n'um jornal, que se diz religioso puro!..

No periodo transcripto arvora-se o articulista em padre-mestre, condemna a cegueira politica, e invoca os preceitos religiosos, e nesse mesmo periodo viola o oitavo preceito do Decalogo.

E viola-o, não por ignorancia, mas de má-fé, porque os sabios da «Palavra» bem conhecem o alcance da troca dos dois termos..

A inversão, a falsificação e o sofisma, são armas, que não honram muito quem d'ellas se serve.

E é d'este modo que se procura matar a sede de verdade e de justiça?!

Vamos terminar, por hoje, pois não queremos escrever todas as considerações que este facto nos suggere.

Lêmos no «Conimbricense»:

O snr. João de Lemos Seixas Castello Branco dirigiu-nos da sua quinta de Anta, freguezia do Maiorca, a carta que abaixo publicamos.

O illustrado reflector dos antigos periodicos de Coimbra, o «Christianismo», o «Trovador» e a «Revista Academica»; o mimoso cantor d'esta Coimbra, terra de encanto, não podia deixar de ter franca entrada nesta casa do «Conimbricense», sobreindo quando se trata de assumptos do mais alto interesse para a sociedade.

Os campos politicos em que militamos são diversos; mas em pontos de moralidade não ha, nem pôde haver entre nós divergencias.

Que os laços da familia se afrouxam cada vez mais, temol-o aqui proclamado bem alto repetidas vezes. E a essa relaxação se segue como consequencia immediata a falta de educação dos filhos; e por fim o augmento da criminalidade.

São inuteis, e podem até ser prejudiciaes as reformas, que não tiverem por base a moral.

O divorcio está sendo um cancro social dos mais graves. A esse respeito diz verdades incontestaveis o snr. João de Lemos.

Contrahe-se o casamento por especulação pecuniaria, ou por affeição momentanea; e com a mesma leviandade com que se fez um contracto, que tão pensada devia ser, com a mesma se dissolve.

A' falta de principios religiosos, que deviam estreitar os laços do matrimonio, acrece a facilidade com que a lei permite os divorcios, que vão tomando proporções assustadoras.

Este objecto é mais sério e importante do que geralmente se julga.

A familia é a sociedade em miniatura; pelo que da desmoralisação d'aquella provirá fatalmente a desmoralisação d'esta. Se os alicerces da sociedade forem edificados sobre areia movediça, será debalde que a quererão amparar.

Esta materia é muito vasta. O snr. João de Lemos occupa-se mais particularmente do divorcio, e da diminuição dos nascimentos. Ha, porém, um ponto, que não pôde tambem deixar de chamar a attenção dos homens pensadores. Queremos

fallar da degeneração fisica da actual mocidade.

Onde estão os mancebos robustos, fortes para as armas, para a agricultura, para a industria, e para todo o trabalho? Onde se acham as mulheres bem constituídas, que possam transmitir a saude e o necessario desenvolvimento fisico a seus filhos?

Que a raça latina tem degenerado é uma verdade demonstrada.

A par, portanto, da educação moral, carece-se de tratar da educação fisica. Uma deve andar estreitamente ligada com a outra.

As mães tratam em regra apenas de fazer de suas filhas uma especie de bonecas, cheias de toda a affectação do luxo, da presumpção e da arte de agradar. Ficam de parte as qualidades mais indispensaveis e uteis a uma senhora. D'essa pessima direcção provém no futuro, quando casadas, o desgosto pelo matrimonio, e a tendencia para a separação e divorcio.

Dos filhos é escusado fallar. Todos sabem como em geral se trata da sua educação; das liberdades que se lhe toleram e até approvam. Quando muito são mandados para qualquer collegio, são menos para se tratar do seu ensino, do que para os paes se verem livres d'elles.

Por isso nunca será de mais tudo o que se disser para mostrar aos conjuges os graves deveres que tem a cumprir, e a rigorosa obrigação que lhes impende de dar esmerada educação a seus filhos.

Que grande responsabilidade pesa sobre os paes, a quem é indifferente a marcha que seguem seus filhos; e que mesmo não tremem de os ajudar a corromper com os seus maus exemplos!

Se todos pensassem sériamente nisto não viria tanto mal á sociedade.

Deixemos agora fallar o esclarecido escriptor, que tão delicadamente nos pede entrada em nossa casa.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Snr. Joaquim Martins de Carvalho.

Quinta d'Anta, 3 de janeiro de 1877.

Pois sem embargo de nossas divergencias em politica, nos encontramos e damos amigavelmente as mãos em outros pontos fundamentaes de toda sociedade— a religião e a moral; permitta que, sendo eu agora quasi seu visinho de ao pé de porta, me assente no limiar da sua casa—O «Conimbricense»—a conversar com v. sobre aquelles graves pontos, e em beneficio porventura da nossa terra, á qual ambos nós, cada um na sua medida e segundo sua opinião lealmente professada, temos sempre pago a divida do nosso fervoroso amor e da nossa desinteressada dedicacão.

Com razão se tem v. assustado, e outros homens e jornaes sisudos do nosso paiz, vendo a espantosa alluvião de divorcios, que ahi nos tem trazido a corrente impetuosa da irreligião e da immoralidade, sob a sombra protectora do Codigo Civil.

De França, donde nos vem tudo, donde tudo aceitamos e copiamos sem reflexão nem criterio, de França, nos tem vindo tambem o contagio d'essa peste das familias. E podemos ainda dar graças a Deus por não ser, por ora, entre nós, tão extenso e profundo o mal como n'aquelle desventurado reino. Por não ser ainda tão extenso e profundo o mal?!

Quem sabe?!
Em França, a estatistica é uma coisa seria, que merece a solicitude escrupulosa do governo, e os ministros occupam-se nos seus relatorios de varios quadros estatisticos comparativos, que são como o espelho onde a nação se pôde mirar, e que habilitam os publicistas, para assentarem com segurança o seu juizo.

O que acho de França, a tal respeito, é assombroso; e é provavel que, assim como de perto a seguimos nos principios, de perto a tenhamos tambem seguido nas consequencias.

Alli, o ministro das justicas dirigiu, ha pouco, ao chefe do estado um relatório sobre a administração da justiça civil e commercial, durante o anno de 1874, no qual os processos de divorcio intentados, sómente n'aquelle anno, ascendem a 8:194, e os que foram effectivamente julgados pelos tribunaes, a 2:884!!

Que imaginação, por mais ousada, poderá sondar o abysmo de desgraças, de miserias, de males de todo o genero, que abriram n'aquelle povo dois mil oitocentos e oitenta e quatro divorcios?!

Com effeito, 2:884 casas, em que marido e mulher não hesitaram diante do ruido de um processo para se pôr termo á sua vida em commum; 2:884 familias, que ficaram sem filhos, estes serão divididos entre o pae e a mãe!..

E ha quem chame a isto civilisação e progresso!

Se, n'este capitulo, quizermos ver o verdadeiro progresso e verdadeira civilisação, temos de olhar para traz.

Ha cincoenta annos, os processos de separação intentados, em França, entre conjuges, não chegavam a 400; dez annos depois só elevavam a 600; e passados vinte e cinco annos já subiam a 1:500.

Entre aquelles dois pontos extremos tinham passado duas revoluções; um ensino sem crenças; a liberdade illimitada de imprensa; a licença abominavel dos theatros; e mais que tudo as doutrinas e praticas irreligiosas. A familia foi acompanhando o estado, ambos enfermos do mal revolucionario. Perturbações publicas na praça; discordias domesticas nas habitacões. E cada anno os algarismos são mais assustadores! E o mesmo acontece nos crimes, como attesta igualmente a inexoravel estatistica!

Donde vem este mal? Como acontece isto n'uma época tão gabada pelos seus meios de illustração e moralisação?

Progresso de sciencias; diffusão de luzes; escholas aos centos; theatros aos milhares; jornaes aos milhões; livros; muitos livros; o pensamento manifestado por todos os modos; a rasão desenvolvida e posta em acção por todas as fórmas; e todas estas maravilhas inuteis para os costumes!!!

Porque é isto?

Para mim e para muitos homens, que respeito; e em cujo numero me comprazo e honro de contar a v., a razão d'isto não está senão na falta de base.

Não é a civilisação, que é má; não são as peras do tempo de Adão que eram muito grandes; mas falta a estas o sol que as amadurecia, e áquella o espirito que a fecundava.

Desde a antiguidade até agora sempre a historia attestou que quando a repressão interior baixa no thermometro dos povos, a repressão exterior se vê forçada a elevar-se, pelo augmento excessivo dos crimes e males publicos de todo genero.

J. DE LEMOS.

(Continua)

GAZETILHA

Nova loja afortunada.—N'esta casa, pertencente ao snr. Lourenço Marques d'Almeida, — Porto, rua das Flores, n.º 112 a 114 venderam-se na loteria de 10 de janeiro, os seguintes numeros, que foram premiados:

Com 600 pezetas, ou 108\$000 reis, os seguintes:

861, 866, 1954, 2083, 2386, 3547, 4853, 5312, 6086, 7401, 7410, 7684, 12916, 12917, 13124, 13201, 13905, 13906, 15145, 15648, 15683, 16038, 16541, 17011.

E com 400 pezetas, ou 72\$000 reis os seguintes:

1846, 2029, 2086, 2112, 2676, 3597, 4471, 4480, 4740, 6082, 6604, 7807, 12957, 12979, 13127, 15585, 15649, 15684, 16284, 17019, 17669.

Os dois seguintes sorteios se extrairão em 20 e 30 do corrente.

Rectificação.—A noticia que demos a respeito do testamento com que falleceu a exm.ª D. Francisca Julia Perestrello de Araujo temos a fazer as seguintes rectificações:

Por disposição ultima, feita a 19 de setembro de 1876, pela fallecida, se vê deixar por principal e universal herdeiro a seu sobrinho Francisco Perestrello de Alarcão.

Nomeou 1.º testamenteiro ao snr. Jacintho de Magalhães d'Araujo Queiroz, d'esta cidade, a quem legou a quantia de 600\$000 reis, ficando a administrar a casa até á maior idade do herdeiro.

Deixou tambem a suas duas sobrinhas varios bens, joias e dinheiros, para igualmente ser administrado pelo mencionado testamenteiro, até que as mesmas completem 25 annos. Ao asylo de Ponte do Lima deixa 100\$000 reis, assim como varios legados a pessoas da sua amizade, e creados.

Furacão.—Em S. Vicente de la Barquera, Hispanha, no dia 31 do passado, pelas cinco horas e meia da tarde,

levantou-se um vento tão forte do S. O. que foi augmentando até tomar as proporções d'um verdadeiro furacão. A's sete e meia da noite o vento que soprava com extrema violencia derribou um paredão que desgraçadamente cahiu sobre uma casa immediata, que desabou, colhendo debaixo de suas ruinas dez pessoas que a habitavam e das quaes succumbiram instantaneamente um velho de 90 annos, que n'essa occasião ceava com um netinho de 3 annos, victimas tambem do sinistro, e uma rapariga casada, de 26 annos, a qual foi extrahida dos escombros n'um estado impossivel de descrever; sua mãe, que se acha bastante grave foi providencialmente salva d'entre a multidão de objectos, que cairam em cima d'ella.

A aldeia acha-se coberta de telha; varios edificios soffreram bastante. A violencia do vento durou cinco horas.

Horrores do temporal.—Não ha memoria de uma tempestade como a que tem reinado nas costas da Inglaterra e da Irlanda, ao passo que o derretimento da neve e as continuas chuvas tornam formidaveis os cursos de agua, que principalmente se precipitam sobre as terras do littoral.

Em Cliftouville, as vagas ultrapassaram a altura do quarto andar das casas, e em Eastbourne arrasaram no dique da praia mais de cento e cincoenta metros do seu commento.

Apesar d'isso, onde os estragos foram sobretudo consideraveis, foi em Douvres.

O dique do Almirantado, que se compunha de rochedos enormes,—foi uma vez um dique.

O primeiro dos rochedos cahiu outro dia ás dez horas da manhã, e os outros, em seguida.

O palacio de lord Warden foi submerso, e ficou inteiramente inundada a estação dos caminhos de ferro do S. E.

Ainda se não pode calcular o valor dos prejuizos; porém suppõe-se que só os de Douvres vão alem de 50.000 libras!

Movimento postal nos principaes paizes da Europa.—O *Economiste français* publicou no seu numero de 6 de janeiro as seguintes curiosas informações acerca do movimento postal nos principaes paizes da Europa:

«Em relação ao numero de correspondencias por habitante, a França occupa o nono logar entre os paizes da Europa. O primeiro logar pertence á Gran-Bretanha, cujo movimento postal é de 34 cartas e meia por cabeça. Seguem-se a Suissa (27,3 por habitante), a Alemanha (15,3), os Paizes-Baixos (14,6), o Luxemburgo (14,2) a Belgica (13,0) a Dinamarca (11,7), a Austria cisleitana (10,6), a França (10,2), a Noruega (5,6), a Suecia (5,5), a Hespanha (4,8), a Italia (4,5), a Hungria (4,4); os outros paizes não merecem ser mencionados, a não ser a Russia, que apparece apenas com 0,8 de carta por habitante.»

A Exposição de 1878.—Acaba de ser decidido o systema da ornamentação da fachada das secções estrangeiras, que dirá para os jardins da Exposição universal francesa de 1878. A fachada será de 650 metros de comprimento, e quanto á forma, cada uma das secções affectará o estylo architectonico do especimen, que em seu paiz houver de mais caracteristico.

O projecto, que foi confiado ao snr. Bénard e será depois submettido ás diversas nações, parece que não soffrerá modificação notavel. Segundo o «Rappel», eis-aqui a pittoresca physionomia das construcções que deverão seguir-se ao longo de uma rua verdadeiramente cosmopolita.

Logo depois de escola militar, ver-se-ha successivamente:

A frontaria do castello de Heidelberg (Alemanha);—o campanario de Louvain; uma velha casa de Malines e uma escola (Belgica);—uma torre das fortificações de Hoord-Holland (Hollanda); — um *chalet* (Suissa);—uma vivenda campestre (Dinamarca);—a torre da habitacão de Gustavo Wasa (Suecia e Noruega); as casas da Gralla, em Barcelona (Hespanha);—uma casa portuguesa;—o domicilio de Pericles (Grecia); uma fachada do palacio do Bosforo (Turquia);—uma casa de Moucharabieh (Egypto);—um minarete (Tunis);—uma torre de porcelana e a casa do embaixador inglez em Yokochama (Japão); —a villa de Bourbelou em Tiensin (China);—o zimbório dourado do palacio de Téhéran (Persia);—uma casa de Sião;—uma casa da camara tyrolesa; um domici-

lio de Insbruck;—uma casa de campo; uma choupana hungara (Austria);—a frontaria do palacio de S. Marcos em Veneza (Italia);—uma estalagem moscovita, com o seu campanario dourado (Russia);—uma casa desarmavel (Estados-Unido);—uma cubata adornada de plumas, nas margens do Oreno que Brasil;—a frontaria do palacio dos Sete, em Lahore (India);—a fachada lateral de Westminster (Inglaterra).

Haverá vinte e cinco pequenas torres, cujos degraus proporcionarão accesso para uma varanda interior do comprimento do edificio das secções estrangeiras, d'onde os espectadores poderão desfructar as galerias de cada uma d'ellas.

Um fidalgo Bispo.—No consistorio de 18 de dezembro foi proclamado Bispo de Groyaz (no Brazil) o ex.^{mo} D. Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides, Presbytero da Diocese do Rio de Janeiro, vice-reitor e professor de Historia-Natural no Collegio-Imperial de D. Pedro II.

Aquelles appellidos são bem conhecidos em Portugal, pois que são os mesmos da casa d'Asseca, cujo descendente é o ex.^{mo} Prelado por ser filho de um irmão do fallecido ex.^{mo} visconde d'Asseca Antonio Maria, ministro que foi do governo do sr. D. Miguel em Londres, sendo assim primo co-irmão do ex.^{mo} sr. José Corrêa de Sá e primo em segundo grau dos representantes das casas de Abrantes, Lavradio e Asseca.

Esta noticia serve só para notar o facto de ver um fidalgo de boa raça, entrado no clero e elevado ao episcopado. A velha aristocracia em vez de seguir as velhas tradições, tem se pelo geral entregado a ociosidade e quando segue alguma carreira pouco prima e se avanta. E' um traço de sua eviente decadencia. A Igreja foi por ella quasi completamente abandonada, desde que as riquezas d'ella se tornaram em roupa de... *liberaes*. As novas gerações não são educadas no amor da Igreja, e por tanto não apparecem vocações! Assim tambem a decadencia é espantosa, e breve passará essa classe para os annos da Historia, onde só é conhecida. Evidente effeito da obra de 34, á qual contudo muitos dessa classe adheriram logo e outros se tem passado por impulsos da barriga ou da vaidade.

Honra aos firmes, aos heroicos representantes da velha verdadeira aristocracia!... (C. da T.)

Leis da China.—As leis da China não permitem que as mulheres tenham dote, e seus paes podem vendel-as como vis animaes. Tambem as podem matar, mas nunca dotal-as.

Só os homens herdão, e se n'uma familia ha só mulheres, passam os bens ao parente mais proximo na linha masculina, salvo se a familia adopta um filho varão, ainda que seja de remoto parentesco.

Incendio na Inglaterra.—Um violento incendio acaba de destruir em Boltonle-Moors uma das principaes lavanderias da cidade. As perdas são avliadas em 1 milhão e meio de francos.

Sabe-se que Bolton, cuja população passa hoje de 70:000 habitantes, é situada no condado de Lencastre, a 18 kilometros de Manchester. Produz fustões, musselinas e tecidos que gosam de grande reputação.

Os principaes aperfeiçoamentos levados ás machinas que necessita a industria algodoeira tiveram origem em Bolton, onde se contam actualmente mais de vinte fabricas ou lavanderias movidas pelo vapor.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA
SOCIÉDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do activo e passivo d'este Banco em 31 de dezembro de 1876.

Activo	
Caixa	31:052\$794
Letras descontadas, tomadas e a receber	170:687\$279
Letras em liquidação	4:346\$930
Emprestimos sob penhores Creditos com caução	197:007\$825
Operações a longo prazo, com hypotheca	121:111\$980
Devedores no Reino e Ilhas	17:480\$091
Agencias no Reino e Ilhas —em metal	14:190\$892
Em letras	14:157\$851
Agencias no estrangeiro	15:832\$273
	4:844\$613

Transferencia de fundos	4:118\$325
Accções de conta propria	84:000\$000
Valores fluctuantes	58:562\$090
Effeitos depositados	22:400\$000
Despezas d'installação	4:884\$089
Movéis e utensilios	1:537\$810
	760:214\$873

Passivo	
Capital	600:000\$000
Fundo de reserva	919\$127
Dividendos por pagar	1:002\$000
Agencias no Reino	306\$828
Credores no paiz	3640 \$474
Credores d'effeitos depositados	22:400\$000
Depositos a praso	99:679\$276
" á ordem	10:719\$450
Letras por pagar	667\$452
Transferencia de fundos	1:008\$845
Lucros e perdas	19:871\$411
	760:214\$873

Braga 30 de Dezembro de 1876.
Os Directores,
José Antonio Rebello da Silva.
José da Costa Pulmaira.

AGRADECIMENTOS

Estevão Correia de Moraes Amaral, José Correia de Moraes Amaral, sua cunhada Emilia, e sobrinha Maria Ernestina, agradecem do fundo d'alma, pedindo desculpa de o não poderem fazer pessoalmente, a todas as ex.^{as} snr.^{as} e snrs. que se dignaram obsequial os durante a penosa enfermidade de seu bom irmão, cunhado e thio o Conselheiro e Desembargador da Relação aposentado Bartholomeu Correia de Moraes Amaral; outro sim significam, por este meio, o seu eterno reconhecimento aos illm.^{os} e ex.^{os} snrs. que lhes concederam a subdissima honra de no dia 11 do corrente assistir na igreja da Misericordia ao funeral do mesmo seu sempre chorado e nunca esquecido irmão, cunhado e thio, não esquecendo os reverendos snrs. ecclesiasticos que gratuitamente assistiram ao officio de corpo presente.
Como ha de ser sempre respeitada a memoria do saudoso finado, relembradas e nunca esquecidas serão tambem as finezas com que n'este doloroso trance tão delicadamente foram obsequiados os annunciãntes. (39)

ANNUNCIOS

BANCO DO MINHO

Em cumprimento do artigo 33 dos estatutos são convidados os snrs. accionistas do Banco do Minho, para comparecerem na reunião d'Assembleia geral ordinaria, que deve ter logar ás 11 horas da manha do dia 20 do corrente mez, no novo edificio do referido Banco.

Braga 15 de janeiro de 1877.
O Presidente d'Assembleia geral,
(41) José Maria Rodrigues de Carvalho.

PRADO D'URJÃES

Quem pretender tomar d'arrendamento o prado d'Urjães, pertencente á casa de Sinde, e que consta de lavradio, vidonho, e arvores de fructo, póde dirigir-se n'esta cidade á rua de S. Geraldo, n.º 17. (43)

VENDA DE BENS

Vende-se os bens que pertenceram ao finado abbade da Correlha, da comarca de Ponte do Lima, os quaes constam: d'um pomar, com latada e tanque, e uma leira annexa, e o campo de praso; a propriedade denominada a Cachada; os quaes tem excellente vidonho, fructas e agoa; constam tambem d'uma casa meio-construida n'um bello local e uma porção de terreno cultivado, junto á mesma.
Quem os pretenda dirija-se a João da Cunha Nogueira, Ponte do Lima. (38)

Companhia Geral Bracarense

São convidados os snrs. accionistas d'esta companhia a reunirem-se em assembleia geral, no escriptorio da mesma, no dia 24 do corrente, pelas 11 horas da manhã, para os effeitos dos artigos 12 e 14 dos estatutos.

Braga 15 de janeiro de 1877.
O Presidente,
(46) Francisco de Campos d'Azevedo Soares.

BANCO DE GUIMARAES

Tendo a assembleia geral dos accionistas do Banco de Guimarães de 11 do corrente fixado para a segunda reunião ordinaria o dia 22 para os effeitos do artigo 42 dos estatutos, convida os snrs. accionistas a comparecer no referido dia pelas 10 horas da manhã na casa do Banco.

Os snrs. accionistas que pertenderem o relatorio da gerencia com o parecer do conselho fiscal podem procural-o em Guimarães na thesouraria do Banco, e no Porto e em Braga nas respectivas agencias.

Banco de Guimarães 15 de janeiro de 1877.
O Presidente da Meza d'assembleia geral,
(45) Barão de Pombeiro.

ARREMATACAO

Pelo juizo de direito d'esta cidade de Braga e Cartorio de Ribeiro, no dia 21 do corrente pelas 10 horas da manhã á porta do tribunal no largo de Santo Agostinho, se tem d'arrematar os movéis seguintes: Uma caixa grande de castanho, um banco velho de pinho, e uma meza velha de pinho.

A presente arrematação é por força de execução que a F. N. move a Joaquim Gandarella e outros d'esta cidade. (48)

ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar um anel de pedra azul, que foi perdido no baile dos recreios populares na cerca dos Congregados. Recebe-se em casa do sr. Alexandre, barbeiro, rua do Souto. (47)

BANCO ALLIANÇA

Dividendo do 2.º semestre de 1876.
No dia 19 do corrente principiará a pagar-se na thesouraria do Banco do Minho o dividendo do 2.º semestre de 1876 a razão de 2 0/0 ou 1\$200 reis por acção, desde as 10 horas da manhã até á 1 da tarde.
Braga 17 de janeiro de 1877. (49)

POMBOS

A Sociedade do tiro dos Pombos de Lisboa, compra pombos, em partidas não inferiores a 50, pelo preço de 140 reis cada um pagos no acto da entrega, em qualquer estação dos caminhos de ferro de Norte a Leste e de Sueste. Os vendedores podem, para mais esclarecimentos, dirigir-se aos chefes de estação ou ao secretario da Sociedade, Luiz de Sequeira Oliva, e espingardeiro Lurberon, rua Aurea, n.º 76, Lisboa. (50)

ALUGA-SE

N'um dos locaes mais pitorescos e saudaveis d'esta cidade, acha-se para alugar uma casa até ao proximo S. Miguel; e bem assim, se vende por preço mui commodo a mobilia e piano existente na mesma e completamente nova, para melhores esclarecimentos queiram-se dirigir á Praça do Barão de S. Martinho, casa Almeida & Pereira. (24)

Vende-se, uma casa com bom quintal e poço, no campo Novo n.º 9, (lado do norte).

Vende-se tambem a quinta do Ribeiro, na freguezia de S. Pedro de Escudeiros, Veiga de Penso.

Trata-se com o sr. Simão d'Araujo Esmeris, Escrivão de Direito, na rua dos chãos de Baixo. (32)

Arrematação de bens

Pelo juizo de direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão Antonio Carlos d'Araujo Motta, por força de execução hypothecaria em que foi exequente o fallecido José Fernandes Dias, negociante da mesma cidade, hoje seus herdeiros habilitados D. Maria Rita da Silva Dias, viuva d'aquelle fallecido, e seus filhos e genro, todos da referida cidade, e executados José Maria Themoteo, e mulher Justina Rosa, e Justina Maria, solteira, moradores na freguezia d'Argeris, concelho de Valle Passos, voltam de novo a praça para serem arrematados e entregarem-se a quem por elles maior preço offerecer, visto não ter apparecido lançador algum no dia 10 de dezembro findo, nem se ter effectuado no dia 8, que equivocadamente se annunciou, se faz de novo com o abatimento da quinta parte, todos os bens de raiz de que se compõe a casa e casal dos referidos executados e que eram pertencentes a seus fallecidos paes e sogros Themoteo José, e mulher, cujos bens são situados na dita freguezia de Argeris, e da de S. Thiago da mesma comarca de Valle Passos: da sobredita execução consta, assim como dos respectivos editaes que se acham affixados na porta do Tribunal da mesma cidade, e na da casa dos executados, seus nomes, situações, confrontações e valores. Porisso quem os pertender póde comparecer no dia 28 do corrente no Tribunal da mesma cidade, que é sito no largo de Santo Agostinho, d'onde deve ter logar pelas 10 horas a mesma arrematação, e entregarem-se os referidos bens, a quem por elles maior preço offerecer.

Braga 12 de Janeiro de 1877.
(36) Maria Rita da Silva Dias.



NOVO HORARIO.

José Antonio Monteiro, Marques, e Cerqueira, levam ao conhecimento do publico que os carros que desta cidade sahe para Ponte do Lima e Vianna ás 9 horas da manhã principia a sahir no dia 14 do corrente ás 8 horas da manhã, e chega a Vianna ás 4 horas da tarde.
Braga 12 de Janeiro de 1877.

O gerente, Francisco Pereira Leite e Castro. (28)

FOLHINHAS DE ALGIBEIRA

OU
almanak ecclesiastico e civil, para o Arcebispado de Braga,
Consideravelmente augmentado, com notas e certeza das abstinencias e festividades.
Preço. 40 rs.

Vendem-se em BRAGA, rua Nova n.º 3—defronte da Misericordia, em casa do sr. Bernardino J. da Cruz—rua do Souto, em casa dos snrs. Rocha e Germano, GUIMARAES, em casa dos snrs. F. Martins da C. Guimarães, largo da Misericordia, e livraria de Teixeira de Freitas, a S. Damaso. ARCOS, BARCELLOS, CHAVES, VIANNA e VILLA REAL, nas lojas costumadas.

DEPOSITO DE TABACOS

DA
Casa Havaneza de Lisboa
27—Largo do Barão de S. Martinho—27
BRAGA

N'este deposito, que acaba de ser aberto ao publico, encontram-se tabacos de todas as fabricas estrangeiras e nacionaes, bem como boquilhas de ambar, espuma do mar e cachoupe, cachimbos de gesso e de raiz, cigarreiras e charuteiras de couro da Russia, lumes de cera de procedencia ingleza e muitos outros objectos d'alta novidade e elegancia.

Este deposito nos fornecimentos por grosso offerece o mais vantajoso desconto. (20)

DINHEIRO A JURO

A Meza da Irmandade de S. Vicente da cidade de Braga, faz constar que tem dinheiro para mutuar a juro de 5 por 100 livres, sobre hypotheca. (4481)

Banco Commercial de Braga

No dia 25 do corrente ás 11 horas da manhã na casa do mesmo Banco, tem de se reunir a assembleia geral dos snrs. accionistas d'este Banco para a discussão do relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, apresentados na sessão de 10 do corrente, em conformidade com o que alli foi resolvido em virtude do artigo 33 dos estatutos.

Braga 11 de janeiro de 1877.

O secretario,

Antonio Luiz da Costa Pereira de Vilhena.

Banco Mercantil de Braga

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Por ordem do ex.º Presidente da assembleia geral são convidados os snrs. accionistas a reunirem-se na casa do Banco, no dia 24 do corrente, pelas 12 horas da manhã, afim de tractarem de assumptos concernentes ao disposto no artigo 25 dos Estatutos.

Braga e Banco Mercantil, 15 de janeiro de 1877.

O Secretario,

Domingos Moreira Guimarães.

COLLEGIO

DE

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

RUA DA ESPERANÇA N.º 224

LISBOA

DIRECTOR GERAL J. L. Carreira de Mello
DIRECTOR GERENTE J. Baptista Ferreira

Este collegio, que tantos creditos tem merecido e conservado, continúa com incessantes melhoramentos na sua administração economica e escolar.

O edificio, que é proprio, foi convento, e não tem na capital outro igual applicado ao ensino particular. Na sua restauração e nova applicação temos gasto avultadas sommas.

A regencia dos estudos está a cargo d'um professor allemão, auctorizado pelo bom serviço nos collegios estrangeiros.

Os professores hão de estar sempre na altura do credito do estabelecimento, sérios, instruidos e dedicados.

Não só os preparatorios para os estudos superiores mas um curso completo de commercio e linguas tem os alumnos n'este estabelecimento.

O ensino pratico das sciencias naturaes, é auxiliado com gabinete de physica e chimica, muito desenvolvidos, e com excellente musen de historia natural.

As aulas de geographia, mathematicas e desenho devidamente montadas. A gymnastica completa.

E finalmente, o collegio possui todos os estabelecimentos parciaes auxiliares do ensino que deve fazer parte integrante d'um estabelecimento d'esta ordem.

Os alumnos tem quarto separado. Os Estatutos indicam todo o seu desenvolvimento.

O Director proprietario

Joaquim Lopes Carreira de Mello.

(32*)

NOVA LOJA APORTUNADA

ESTABELECIMENTO DE LOTERIAS

AFIANÇADA NO GOVERNO CIVIL DO PORTO

DE

LOURENÇO MARQUES DE ALMEIDA

112-RUA DAS FLORES-114

PORTO.

N'este estabelecimento satisfaz-se com pontualidade todas e quaesquer encomendas que sejam feitas, de bilhetes ou fracções para quaesquer loterias, vindo acompanhadas do respectivo importe em valles ou estampilhas do correio.

Remette-se no fim das extracções as respectivas listas dos premios; e fornece-se fazenda para revender nas provincias, proporcionando-se vantajosas commissões.

Além dos bilhetes inteiros, meios, quartos, oitavos e decimos, ha um variadissimo sortido de vigesimos, quadregesimos, cautelas de 1\$200, 600, 500, 300, 250, 130, 100 e 40 réis; e bem assim: dezenas de cautelas de 10), 1\$000, 3\$000, 6\$000 e 12\$000; e collecções especiaes de 51 numeros differntes, de 2\$000, 5\$000, 15\$000 e 30\$000 rs.

Acceptam-se desde já encomendas para a Grande Loteria que na fórma dos mais annos deve extrair-se no proximo futuro mez de Dezembro e cujo capital dos premios que se distribuem é de dois mil cento e dois centos e quatro centos mil réis!!! (4277)

DOENÇAS DAS MULHERES

TRATAMENTO (sem necessidade de repouso nem regimen) por Mad. Lachapelle, professora parteira, das enfermidades das mulheres, inflamações, ulceras, consequências do parto, desarranjo dos orgãos, causas frequentes e ás vezes ignoradas da esterilidade, languidez, palpitações, debilidade, doenças nervosas, enfraquecimento e muitas enfermidades reputadas incuraveis—Os meios de cura que emprega Mad. Lachapelle, simples e infalliveis, são o resultado de assiduos estudos e observações practicas. Consultações das 3 h 3 - Rue Monthebor, 27, perto Tulherias, Paris. (40:;)

MOLESTIAS DA BEXIGA

Son muitas as enfermidades contagiosas curadas pelo Xarope Blayn, muito recomendado pelos melhores medicos; tendo um sabor excellento, agradável ao paladar. Paris, BLAYN, 7, r. du Marché-St-Honoré. Preços 540 e 810 reis. Em Lisboa, Barreto, Loreto, 20; no Porto Ferreira & Irmão, Banharis, 77. (38)

INJECTION BROU

Hygienica infallivel y preservativa; absolutamente a unica que cura sem lhe juntar mais nada. Vende-se nas principaes pharmacias do mundo. Exigir a instrução do uso. (30 años de exito.) Paris, casa do inv. B. Magenta, 158. Lisboa, S.º Barreto Loreto 28 e 30. (31)

COLLEGIO INGLEZ

DO

Sagrado Coração de Maria Virgem Immaculada

D. Margarida Heunessy, desejando annuir aos pedidos que as familias e clero mais dedicados á causa de uma verdadeira e completa educação, tanto de Braga como das localidades adjacentes, ha cin-

co annos se tem dignado fazer-lhe, resolveu abrir uma casa de educação para meninas internas, semi internas e externas sob a direcção de sua irmã Miss. Theresa Heunessy, tendo obtido para levantar o seu estabelecimento, a bella casa da rua de S. Miguel-o-Anjo, onde morou o ex.º sr. Juiz de Direito, o qual principiará a funcinnar no dia 2 de Fevereiro. Para esclarecimentos podem derigir-se

a Braga a sr.ª D. Maria Brígida Bersane Perry, Campo da Feira, ao Rev.º João Rebello Cardozo de Menezes, ao Rev.º João Pedro Ferreira Airoza, e a José Maria Dias da Costa, Rua Nova. (17)

PHOTOGRAPHIAS

Na rua do Souto n.º 6, vendem-se os retratos do Ex.º Sr. D. João, Arcebispo de Braga. No Porto, rua de Santo Antonio n.º 200. (26)

João da Costa Palmeira, tem para vender, na sua quinta em Santa Eulalia de Tenões, salgueiros de raiz, estacas de choupo, vides, nogueiras, enchertas de pecegueiro de Amarante, damasqueiros, pereiras, ameixeiras, e macieiras, tudo de boas qualidades. (27)

Vende-se uma morada de casas, sitas na rua de S. Barnabé n.º 10. Trata-se na rua de S. Vicente, na loja de Domingos José Gomes. (29)

Empreza da «Borboleta»

No escriptorio da redacção da «Borboleta» compram-se os n.ºs 2, 3, 5 e 9 do 1.º volume d'aquelle semanario.

O escriptorio é no Largo da Senhora Branca, n.º 36.

AVISO IMPORTANTE

Para os engenheiros, pharmaceuticos, medicos, dentistas, professores e outras pessoas que desejarem obter o diploma de doutor ou de bacharel de uma universidade estrangeira. Dirigir carta registada a Medicus, 13, praça do Rei, Jersey. (Inglaterra.) (31 ::)

COMPANHIA LOYO DE BREMEN PARA Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

O novo e magnifico paquete—SALIER—de 3:100 toneladas, a sair de Lisboa em 5 de fevereiro. Tem estes vapores EXPLENDIDAS ACCOMODAÇÕES para TODAS AS CLASSES. COSINHEIROS E CRIADOS PORTUGUEZES, MEDICO E BOTICA GRATIS assim como cambio de letro até Lisboa. Quaesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes HAWES & C.ª, rua de S. Francisco n.º 4, 2.º andar—Porto, ou dos seus agentes nas provincias. (42)

Agente em Braga Ricardo Malheiro Elias, No Banco Mercantil, ou largo do Barão de S. Martinho n.º 27.

INJECCÃO HYGIENICA

BALSAMICO PROPRIETARIO

Esta injeccção é a unica e efficaz que cura em seis ou oito dias toda a qualidade de purgações tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Vende-se em Braga na pharmacia Alvim, á Porta Nova. Em Coimbra, pharmacia Barata Diniz, rua de S. Bartholömen.

Deposito principal no Porto na pharmacia Madureira, rua do Triunfo n.º 142, proximo ao Palacio de Crystal.

Preço de cada frasco—400 rs. (4440)

LECCIONISTA

Lecciona-se o curso da lingua franceza na rua do Anjo n.º 41, desde as 6 horas da tarde até ás 7, pela quantia de 800 reis mensaes, pagos adiantados. (4412)

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

MONDEGO

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 25 de Janeiro.

Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agência Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondências nas principaes cidades e villas.

Agente em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.



NADA de FOGO

Linimento BOYER-MICHEL para cavallos, fazendo as vezes de fogo e não deixando vestigios do seu emprego MICHEL, pharmaceutico em Aix (na Provença) França. — Preço 1,000 reis. — Em Lisboa o sr. Barreto, Loreto, n.º 28—30. (25.)

VENDE-SE

Por preço favoravel

3 cavallos, sendo 1 hispanhol, alazão, e 2 inglezes, castanhos, que trabalham de sellim e trem. São de toda a confiança e por isso se dão a contento.

Tambem se vende um phaeton, em excellento uso, com todos os arranjos para armar de diversas fórmas, e bem assim arreios para 1 e 2 cavallos.

Dirigir a José Fornellos, na villa de Mesão-frio. (4452)

POLVO

BOM E GRAUDO

Vende-se aos costaes no largo do Barão de S. Martinho n.º 27. (15)